

## A reforma da lei, segundo as Escrituras.

“Desvenda os meus olhos, para que eu veja as maravilhas da tua lei”. Salmo, 119.18

“**Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, pelo qual prescrevi a Israel, a saber, os estatutos e juízos. Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o terrível Dia do Senhor**”. Malaquias, 4.4 e 5.

“**E, se sois de Cristo, sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a Promessa**”. Gálatas, 3.29.

“**Toda Escritura é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela o homem de Deus torna-se perfeito, capacitado para toda obra**”. A Verdade do Senhor Deus, em II Timóteo, 3.16.

“**O Senhor falou conosco face a face, no monte, no meio do fogo**”.

“Não terás outros deuses diante de mim.

**Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima, nos céus, nem embaixo, na terra, nem nas águas debaixo da Terra. Não as adorarás, nem lhes prestará culto; porque eu, o Senhor, teu Deus, sou o Deus Zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração daqueles que me aborrecem, e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus Mandamentos**”. Deuteronômio, Deuteronômio, 5.4 a 9.

“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão”.

“**Lembra-te de santificar o dia do sábado. Trabalharás durante seis dias e farás neles todas as tuas obras. O sétimo dia, portanto, é o sábado do Senhor e não farás nele obra alguma. Porque o Senhor santificou e abençoou o dia de sábado. Não farás nele trabalho algum, nem teus filhos, nem teus servos, nem teus animais. Porque, em seis dias, fez o Senhor os Céus e a terra, o mar e tudo o que há neles e, no sétimo dia descansou, por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.**

“Honrarás teu pai e tua mãe”.

“Não matarás”.

“Não cometerás adultério”. (foi substituído pelo clero como “não pecar contra a castidade)

“Não furtarás”.

“Não dirás falso testemunho”.

“**Não cobiçarás a casa de teu próximo nem desejarás a sua mulher, nem coisa alguma que lhe pertença**”. As Escrituras Sagradas, Êxodo, 20.

Jesus, no seu primeiro recado às multidões, a todas as multidões do mundo, legitimou de forma irrevogável, irretatável e indiscutível a validade de TODOS os Dez Mandamentos de Deus Pai. Dessa forma podemos entender, perfeitamente, que NÃO SE PODE MEXER NEM NUMA SÓ LETRA DOS DEZ MANDAMENTOS:

“**Não julgueis que vim abolir a Lei ou os profetas. Não vim para os destruir, mas sim para os fazer cumprir. Porque em verdade vos digo: Passarão os céus e a terra antes que passe da Lei um só jota sem que tudo seja cumprido**”.

Revelações do Senhor Jesus, em Mateus 5.17 e seguintes, que mostram que Jesus se referia, mesmo, aos Dez Mandamentos.

“**Aquele, pois, que violar um só destes Mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no Reino dos Céus... Porque vos digo, que se a vossa justiça não exceder em muito a dos fariseus, jamais entrareis no Reino dos Céus**”. Mateus, 5.20, e a seguir Jesus se refere a alguns dos Mandamentos das Dez Leis. Repito: Dez Leis, **que conforme Jesus não se pode violar nem a menor delas**.

Paulo, novamente legitimando a Lei, tal com Jesus o fez em Mateus, 5.17:

Paulo, legitimando a Lei, tal com Jesus o fez em Mateus, 5.17:

*“Porém, confesso-te segundo o Caminho, ao qual chamam de seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam **de acordo com a Lei nos Escritos dos Profetas, tendo esperança em Deus**”.*

Atos dos Apóstolos, 24.14.

Paulo, o santo apóstolo, seguindo a mesma orientação de Jesus, em Mateus, 5.17, realça o cumprimento da Lei dos Profetas, ou seja: Os Dez Mandamentos. Portanto, nada pode sobrepor-se à Lei. Nem a doutrina católica, nem o domingo dos católicos e dos evangélicos, pois está claro que tudo tem de estar de acordo com os Escritos dos Profetas, com as Dez Leis.

*Vede: Proponho-vos hoje **Bênção ou Maldição. Bênção se obedecerdes aos mandamentos do Senhor. Maldição se não obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus...** O Senhor, em Deuteronômio, 11.26.*

*“**Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei**”.* I João, 3.4

Jesus ensinou uma religião modificada, aproveitando a parte mais importante e mais adequada da Palavra Escrita que já havia, pois em seus ensinamentos Cristo citou, por muitas vezes, muitos dos preceitos do Velho Testamento, e ignorou os demais preceitos que não poderiam ter lugar na Nova Religião, levando o povo que creu nele a uma vida renovada, segundo a Religião da graça e da liberdade. Mas cuidado! Não confunda as palavras graça e liberdade com a religião da liberalidade. A liberdade no Evangelho está submissa a TODOS os Dez Mandamentos. Jesus determinou isso em Mateus, 5.17 e seguintes. Ao elevar-se ao Céu, depois de cumprida a sua missão, Jesus nos deixou MANDAMENTOS:

*“...até ao dia em que, **depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas**”.* Atos, 1.2.

*“**Nós vos ordenamos, irmãos, em o Nome de Jesus Cristo**”.* Paulo em II Tessalonicenses, 3.6. Ordens são Mandamentos!

*“Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: **Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século**”.* Jesus, em Mateus, 28.18.

*“**Jamais hei de romper a aliança que fiz convosco!**”.*  
Comprometimento do Senhor, em Juizes, 2.1.

*“**Bendito seja o Rei que vem em nome do Senhor!**”.*  
Exaltação do nome de Jesus, em Lucas, 19.38.

*“**Toda autoridade me foi dada no céu e na terra!**”.*  
Revelações de Jesus, em Mateus, 28.18.

*Eis que vos envio meu Filho com uma boa notícia, Ele é o meu projeto maior para a vossa salvação. Escutai-o! Esta é a minha vontade!*

### **Do seu interior manarão rios de água viva!**

Sem revogar a Lei Antiga, as Leis dos Profetas, mais propriamente os Dez Mandamentos (bem claro isso em Mateus, 5.17 até 40), o Espírito Santo de Deus não permitiu que outras leis integrassem o cristianismo emergente: as leis oriundas da tradição judaica, as tais ordenanças bem claras em Gálatas 5 e em Hebreus 9. O Evangelho, principalmente nas Cartas de Paulo, abomina esse tipo de leis que escravizavam o homem, às quais os apóstolos, mormente Paulo, as chamava de obras, de

ordenanças e de regulamentos, ou de Ministério da Morte, da Maldição e da Escravidão. Vejamos as principais, que de forma nenhuma tiveram vez na formação do cristianismo:

**A lei da circuncisão**, uma das ordenanças israelitas, pela qual os judeus convertidos, principalmente os Gálatas (ler Gálatas, capítulo 5), um tanto teimosos, queriam e teimavam que fosse praticado, também na Igreja Primitiva. A circuncisão, advinda dos antigos profetas, tal como Abraão, consistia no corte do prepúcio de toda a criança aos oito dias de vida, mas queriam, também, que essa lei fosse aplicada aos gentios e pagãos adultos (todos os que não nasceram israelitas) convertidos ao cristianismo. Na verdade, era um procedimento difícil, pois o pagão que quisesse seguir a Jesus, antes teria de submeter-se a uma dolorida operação cirúrgica, que hoje chamamos de fimose, e ainda sem anestesia. Por isso, na religião da liberdade, da graça, não poderia ter lugar esse tipo de obra da tradição judaica, que, como dizia Paulo: lei que escravizava.

A lei das 40 chibatadas e a lei do apedrejamento, outras das leis das ordenanças, essa última pela qual era permitido que as autoridades judias em conjunto com as do templo determinassem a morte por esfacelamento mortal, causada por apedrejamento, levado a termo pelos homens, mulheres e crianças do povo. As vítimas dessa barbárie eram pessoas acusadas por duas ou mais testemunhas, cujo evento mais comum se dava pela prática do adultério, cujas vítimas mais freqüentes eram as mulheres. Por essa lei, as mesmas pessoas que glorificavam a Deus nos templos eram convocadas a assassinar, às vezes até uma pessoa inocente, de modo bem cruel, com aconteceu com Estêvão. Essa, também, era lei que escravizava, e de forma alguma poderia integrar o cristianismo em formação. Jesus abominou essa lei ao evitar uma dessas barbáries, pela qual uma pobre mulher, vítima de um amor proibido seria esfacelada de modo cruel. Jesus, na sua imensa sabedoria, apenas apelou às consciências de todos os presentes:

***“Quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra”. João, 8.7.***

*(Quem não tiver pecado em seu coração, que seja o primeiro a iniciar o assassinato desta pobre mulher).*

Estêvão foi uma das vítimas cristãs da lei do apedrejamento (Atos, 6.11).

A Lei antiga está, também, refletida nos Salmos:

*“Senhor... feris o rosto dos que me perseguem e quebrai os dentes dos pecadores”. Salmo 3.8.*

Mas, na reforma da Lei, Jesus veio reger diferente:

*“Amai, também, os vossos inimigos, fazei bem e orai aos que vos perseguem”.*

As leis do templo, dos sacrifícios de animais, outra das leis das ordenanças, pelas quais no interior do templo se matava bois e bodes, oferecendo-os como sacrifício ao Senhor, e depois aspergindo o sangue deles sobre os presentes para que lhes fossem perdoados os pecados. Tais obras da lei não tiveram lugar no cristianismo. Para entender bem isso, basta ler o capítulo inteiro de Hebreus, 9, onde Paulo abomina as obras da lei, os regulamentos e as ordenanças que escravizam, e que não haveria mais a necessidade da continuação desses ritos de sacrifícios com sangue para o perdão dos pecados, pois Jesus, o Novo Sacerdote, **de uma vez só** ofereceu seu próprio sangue redentor para remir todos os pecados de todos os homens, bastando para isso que aceitem e vivam pelo Grande Sacrifício do Cordeiro de Deus. As leis dos homens davam lugar à religião da graça, da liberdade, do amor até aos inimigos.

A lei israelita da segregação racial, outra das leis das ordenanças israelitas. Os israelitas se consideravam o único povo de Deus, pois era o único povo que cria num só Deus, o Criador do Universo, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó e, e que por isso chamavam a qualquer estrangeiro de cão pagão. Não permitiam, de modo algum, a convivência com qualquer estrangeiro, não comiam, de jeito nenhum com qualquer deles e muito menos que um desses de outras raças entrasse em seu templo sagrado. No advento Jesus, até alguns dos novos convertidos ao cristianismo emergente inicialmente se negaram a aceitar que pagãos convertidos fizessem parte do

cristianismo. Essa também era uma lei que escravizava, conforme Paulo, pois Jesus, na implantação da religião da Graça, separações raciais não tiveram lugar no cristianismo. O Evangelho é bem claro, em vários pontos, que o Senhor Deus não faz diferenças de pessoas. Todos são iguais perante Deus.

As leis da vingança. Antes da Vinda de Jesus todos acreditavam, fazendo jus aos Salmos, que deviam amar aos seus amigos e odiar seus inimigos. As leis para isso vinham de remotos tempos, ainda dos Hebreus, cujas leis foram baseadas no Código de Hamurabi, onde rezava: “Fratura por fratura; olho por olho e dente por dente (A Lei, em Levítico, 24.17)”. Mas na implantação da religião da graça a lei da vingança não teve lugar, pois Jesus pregou que não adianta amar somente aos amigos e familiares e detestar os inimigos. O Evangelho convida a orar, também, pelos perseguidores. Na verdade, Jesus chamou a essa religião como a religião da sombra da morte, e Paulo, na Segunda Carta aos Coríntios, capítulo 3, 7 a 11 como o Ministério da Morte, da Maldição e da Escravidão, mas Jesus foi a Luz que dissolveu essas trevas:

*“O povo, **que jazia em trevas, viu a grande Luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a Luz**”.* O Evangelho, a respeito de Jesus, a Luz do mundo, em Lucas, 4.16.

O que era escravidão na Igreja Primitiva:

*“Contudo, nem mesmo Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circundar-se. E isto, por causa dos falsos irmãos que se colocaram entre nós com o fim de nos espreitar **a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir-nos à escravidão**”.* Paulo, em Gálatas, 2, 3 e 4, criticando as leis que conduziam à escravidão, que constituíam o ministério da morte, e deixa aqui bem claro que uma das principais leis que escravizavam era a da circuncisão. Mas os hipócritas fariseus, todos eles, tanto católicos como evangélicos, atribuem as leis que escravizavam com sendo os Dez Mandamentos, apenas para justificar a abominação do sábado solene e santo do Senhor Deus a favor do domingo inventado pelo homem.

Quanto à lei da vingança, contida nessa religião das sombras da morte, Jesus foi incisivo quanto ao perdão irrestrito:

- ✓ Não ameis somente aos que vos são caros, mas também aos que vos perseguem, aos que vos odeiam...
- ✓ Amai ao próximo como a ti mesmo...
- ✓ Perdoai, setenta vezes sete...
- ✓ Quando tirarem a vossa túnica, entreguem também a vossa capa...
- ✓ Quando vos obrigarem a andar boa distância, andeis o dobro...
- ✓ Quando vos esbofetearem na face esquerda, ofereçais, também, a direita...
- ✓ Perdoai e tolerai-vos uns aos outros.
- ✓ Bem-aventurados os mansos, os misericordiosos, os pacíficos...
- ✓ A estrada que conduz ao céu é estreita e cheia de obstáculos...
- ✓ Se tiverdes riquezas vendi-as e distribuí tudo a quem mais necessita...

Os exageros quanto à santificação dos sábados.:

Pela lei da tradição judaica, advinda de Moisés, um homem podia ser morto se fosse flagrado trabalhando num sábado. Um homem não podia caminhar muitos passos aos sábados e nesse dia santo não se podia nem acender o fogo na cozinha, e nem mesmo levar um doente a um médico. O próprio Jesus foi perseguido tenazmente por acharem que ele desrespeitava os santos sábados, apenas por teimar em realizar obras de caridade cristã, tal como curar as pessoas ou matar a fome imediata de seus apóstolos ao colherem algumas espigas de milho. Muitos cristãos de hoje, uns apenas desavisados e outros hipócritas e fariseus modernos, acham ou pregam que Jesus pregou os Dez Mandamentos na cruz, as leis de ordenanças e de regulamentos, pois o cristão não vive mais sob essas leis que escravizam, de propósito confundido os Dez Mandamentos com as leis da tradição judaica, acima descritas, as que escravizavam e que matavam. Os que pregam a extinção dos dez Mandamentos em decorrência da Lei da Graça, da Liberdade de Jesus, fazem isso exatamente porque, contida nas Dez Leis, está o Quarto dos Mandamentos, aquele Mandamento pelo qual o Senhor santifica e convida o homem a santificar esse dia como um Sinal entre ele e os

homens. Ver, no site [www.segundoasescrituras.com](http://www.segundoasescrituras.com) o arquivo: “O sábado é para sempre, segundo as Escrituras”.

Vamos rememorar os dez Mandamentos originais, como Está Escrito na Bíblia?

Mandamentos de Deus solenemente gravados a fogo em lápides de pedra entregues a Moisés — tem de ser respeitado a todo custo. Vamos, pois, conferir, em sua Bíblia, tanto das católicas com evangélicas ou ortodoxas, as Palavras do Senhor, na forma dos Dez Mandamentos que têm de permanecer imutáveis até a consumação dos séculos, conforme Mateus, 5.17 e seguintes. Leia com calma e medite demoradamente sobre cada oração:

1) **“Não terás outros deuses diante de mim”.**

2) **“Não farás para ti imagem de escultura nem figura alguma do que está no céu; do que está embaixo, na Terra, nem do que está nas águas, debaixo da terra. Não adorarás tais coisas e nem lhes prestará culto (o que indica que toda adoração e glória devem ser dirigidas somente a Deus!)”.**

3) **“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão”.**

4) **“Lembra-te de santificar o dia do sábado. Trabalharás durante seis dias e farás neles todas as tuas obras. O sétimo dia, portanto, é o sábado do Senhor e não farás nele obra alguma. Porque o Senhor santificou e abençoou o dia de sábado. Não farás nele trabalho algum, nem teus filhos, nem teus servos, nem teus animais. Porque, em seis dias, fez o Senhor os Céus e a terra, o mar e tudo o que há neles e, no sétimo dia descansou, por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou”.**

5) **“Honrarás teu pai e tua mãe”.**

6) **“Não matarás”.**

7) **“Não cometerás adultério”.**

8) **“Não furtarás”.**

9) **“Não dirás falso testemunho”.**

10) **“Não cobiçaras a casa de teu próximo nem desejarás a sua mulher, nem coisa alguma que lhe pertença”.** As Escrituras Sagradas, Êxodo, 20.

Quanto aos Dez Mandamentos, tantas vezes citado no Evangelho, resumidos por Jesus na religião da graça, basta-nos uma leitura cuidadosa dos quatro evangelistas para percebermos, verdadeiramente, que Jesus montou o cristianismo sobre as Dez Leis. Já imaginaram algo sem leis? Nada, mas absolutamente nada, funciona sem diretrizes, sem normas, sem regulamentos ou sem leis.

*Abaixo, a Palavra Escrita revela que antes de subir aos Céus, Jesus deu mandamentos aos seus discípulos e a todos nós. Ora, mandamentos são leis:*

*“...depois de ter dado Mandamentos por intermédio do Espírito Santo de Deus aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas”.* Atos dos Apóstolos, 1.2.

Em Mateus, 5.17, Jesus afirmou, categoricamente, de modo irrevogável, irrefutável, indiscutível e de modo facilímo de entender, que não veio para mudar uma só das letras das Leis dos Profetas. A seguir, para não deixar dúvidas algumas de que se referia aos Dez Mandamentos, no mesmo capítulo, passou a enumerar alguns deles e, para legitimar, mais ainda o que disse, agravou, mais ainda, a observância deles. Por exemplo:

*“Ouvís o que diz a lei: Não adulterarás, mas digo que aquele que apenas olhar para uma mulher com desejos (ilícitos) em seu coração, já pecou”.*

**As Dez Leis de Moisés, as da Arca da Aliança:**

**“Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.”** **Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”.** Mateus, 5.17 e seguintes, que indiscutivelmente revelam que Jesus se referia às Dez Leis, que de forma alguma podem ser alteradas ou extintas.

Jesus guardava todos os Mandamentos de Deus, pois esses não estavam sujeitos a mudanças:

*Se guardardes ao meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como **eu também guardo os Mandamentos de meu Pai** e no seu amor permaneço".* João, 15.10.

Em Romanos, 13, 8 a 10, Paulo legitima completamente os Dez Mandamentos, completando que os Dez Mandamentos, citando alguns deles, dando a entender, claramente, que são a base do cristianismo.

*"...de sorte que o cumprimento da Lei é o Amor".* Romanos, 13.10.

Também os sábados, Quarto Mandamento:

*"Voltando a Nazaré, onde fora criado, Jesus entrou, num sábado, na sinagoga, **como era de costume....**".* Lucas, 4.16

Jesus nos revelando que, ao quebrar o extremo rigor dos santos sábados, **aparentava** que os desrespeitava, quando praticava a caridade, pois jamais poderia tocar nas Dez Leis de Deus Pai, conforme Mateus, 5.17 e seguintes.

*"Se um homem pode ser circundado num sábado, para que a Lei de Moisés não seja violada, por que vos indignais contra mim, pelo fato de eu ter curado num sábado, ao todo, um homem? **Não julgueis pela aparência, mas, sim, pela reta Justiça**".* Jesus em João, 7.23 e 24.

O próprio catecismo católico reconhece que foi a Santa Madre Igreja a responsável por essa mudança. Conferir, no catecismo católico, Segunda Edição, Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 1962

Conforme está escrito no catecismo católico, o teor faz desabar todas as alegações dos católicos e dos evangélicos ao afirmarem que o sábado foi pregado na cruz com Jesus. Coisas de Satanás!

**"A Igreja de Deus, porém, achou conveniente transferir para o domingo a solene celebração do sábado".** Catecismo católico, Segunda Edição, Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 1962

Paulo, sempre que amaldiçoava as leis, as ordenanças, os regulamentos, se referia às leis da tradição judaica que não tiveram vez no cristianismo: as leis da obras, tais como a circuncisão, o apedrejamento, a vingança, o chicote, os sacrifícios de animais no templo (Hebreus, capítulo 9, inteiro), os exageros quanto à santificação dos sábados, que Jesus sempre se preocupou em quebrar, conforme Jesus, em Mateus e em João:

**"...Atam cargas pesadas e impossíveis de levar, e as põem sobre os ombros dos homens, mas nem com um dedo as querem mover".** Jesus, irado com o farisaísmo, em Mateus, 23.6.

Hoje, os fariseus modernos, anestesiando ou bloqueando as suas consciências na tentativa de fugir das obrigações do santo e solene sábado, fazem o mesmo que os fariseus antigos. Os fariseus antigos confundiam a caridade, as obras por amor ao semelhante que Jesus realizava, também aos sábados, como uma agressão aos sábados e esses fariseus modernos se aproveitam dessas caridades feitas por Jesus nesse dia, para desmerecer o dia santo de Deus afirmando que Jesus "pregou o sábado na cruz". Mas o próprio Jesus afirmou que apenas PARECIA que ele desrespeitava os sábados:

Abaixo, Jesus nos revelando que, ao quebrar o extremo rigor dos santos sábados, APARENTAVA que os desrespeitava, pois jamais poderia tocar nas Dez Leis de Deus Pai, conforme Mateus, 5.17 e seguintes.

*"Se um homem pode ser circundado num sábado, para que a Lei de Moisés não seja violada, por que vos indignais contra mim, pelo fato de eu ter curado num sábado, ao todo, um homem? **Não julgueis pela aparência, mas, sim, pela reta Justiça**".* Jesus em João, 7.23 e 24.

Pela tradição israelita, antes da vinda de Jesus, somente os ricos, os abastados, os que detinham o poder, eram considerados os protegidos do Senhor Deus e, por conta disso, os pobres eram desprezados como os abandonados pelo céu. Os pobres, chamados ralé, eram tidos como rejeitados por Deus, pois criam que, se nasceram sem posses ou escravos, não partilhavam das graças divinas. Esse era o pensamento natural da época. Pela tradição dos homens, amavam os seus familiares e amigos, entretanto, odiavam de morte os seus considerados inimigos. Não havia a prática do perdão, da misericórdia.

Já no seu primeiro sermão, o belíssimo e reformador Sermão da Montanha (Mateus, 5), Cristo insurgiu-se contra as crenças tradicionais, sem excluir nenhum dos Dez Mandamentos, trazendo um novo mandamento: o mandamento do amor, do amor até aos inimigos. Antes de Jesus, isso seria um preceito inaceitável, ridículo e escandaloso para aquela época, na qual a força física impunha a lei. Em nome do amor incondicional ao semelhante, Jesus destacou vivamente a importância do perdão total, da caridade verdadeira, a importância da humildade e da simplicidade. Desse modo, inicia o grande sermão pregando uma Nova Mensagem, trazendo uma Boa Notícia aos pequeninos desprezados que se surpreenderam, pois jamais haviam ouvido antes promessas semelhantes. Sempre oprimidos pela lei dos fortes do mundo, pela primeira vez os miseráveis, os enjeitados, eram citados numa nova e maravilhosa promessa que destacava, vivamente, a importância que tinham (e que têm) para o Criador os humildes, os pequeninos, os pacíficos, os injustiçados, os abandonados os menos favorecidos e os escravos. Por Jesus Cristo, o Filho, o Senhor Deus Pai manifestava a sua preferência, a sua opção pelos menores da Terra.

*“Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o reino dos céus.  
Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.  
Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.  
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.  
Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.  
Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”.*  
Promessas de Jesus, em Mateus, 5.

Essa revelação tornou-se uma magnífica mensagem de esperança, principalmente aos homens e mulheres da mais baixa condição social. O Messias de Deus veio resgatá-los da desesperança e do abandono espiritual em que viviam, pois ele, o Cristo de Deus, colocava-se como o protetor deles. Se não tinham direitos na Terra temporal dos homens, passariam a ter alta perspectiva disso no Céu eterno de Deus. Cumpria-se, assim, o oráculo em Isaías, 61:

*“O Espírito do Senhor repousa sobre mim,  
Porque me consagrou pela unção,  
Enviou-me para levar a boa nova aos humildes,  
Curar os corações doloridos,  
Anunciar aos cativos a redenção...”.*

MESSIAS: O Ungido de Deus, *Maschiah*, em hebraico.

CRISTO: O Ungido de Deus, *Khristos*, em grego.

JESUS: O Salvador, em hebraico.

Dados os oráculos do Senhor aos seus profetas, o Messias era esperado pelos israelitas com muita expectativa, e era aguardado que viria como um grande rei, libertador de Israel, absoluto sobre a Terra e dominador de todos os povos. Imaginavam um Messias poderoso, nascido da nobreza, dotado de grande sabedoria e total liderança, pela qual comandaria um grande e invencível exército que viria a dizimar todos os inimigos de Israel. Esperavam que fossem exterminados os ímpios e os pagãos denominados “cães” e, principalmente, os odiados invasores romanos que por dezenas de anos impunham jugo à Palestina sob a força da lança e da espada. Aguardavam um grande e extraordinário rei, descendente de Davi, que viesse livrá-los, de vez, do jugo das centúrias opressoras romanas e, se possível, que os varressem da face da Terra, e que restaurasse, de vez, a hegemonia de Israel sobre todos os outros povos, de modo mais triunfal ainda do que nos gloriosos reinados de Davi e Salomão. E assim, interpretando as Escrituras ao pé da letra, aguardavam um rei político executor e não um rei espiritual semeador, como está posto em Jeremias 23.5 e 33.14:

*“Dias virão, oráculos do Senhor, que farei brotar de Davi um rebento justo que será rei e governará com sabedoria e exercerá na terra o direito e a equidade, e viverá Israel em segurança”. E eis o nome que será chamado: Javé nossa justiça.*

*“O seu império será grande e a paz sem fim sobre o trono de Davi e em seu reino. Ele o firmará e o manterá pelo direito e pela justiça, desde agora e para sempre”.* Promessas do Senhor Deus, em Isaías, 9.6.

Quem ler Isaías, capítulo 61, terá idéia de como era esplendoroso o sonho israelita. Em Lucas 1.71, está bem claro que os israelitas achavam que Jesus viria à Judéia para resgatar Israel das mãos de seus inimigos.

Também no Evangelho, o povo julgava que Jesus os libertaria dos romanos invasores:

*“para nos libertar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam”.* Lucas, 1.71.

De tal modo os judeus aguardavam um Messias investido de grande poder, que viesse a restaurar a hegemonia dos filhos de Abraão sobre os outros povos, como nos tempos de Davi e Salomão que, mesmo aqueles que tendo aceitado a Jesus como o verdadeiro Messias, frustrados, sentiram ruir todos os seus sonhos quando o viram morrer. Sentiram que não seria daquela vez que Israel seria restaurada e que deveria continuar impotente contra o jugo romano. Sentiram ruir tudo, quando viram o seu Mestre, o grande realizador de milagres, o incrível ressuscitador de mortos, o dominador das forças da natureza, o líder espiritual da multidão, enfim o justo sob todos os aspectos, ser acorrentado pelo próprio povo e massacrado pelos soldados romanos.

Na sua pequenez, sentiram que aquele seu amigo Jesus que estava sendo brutalmente humilhado, ultrajado, esbofeteado, cuspidado, pisoteado, chutado, escarnecido, sangrado pelas lanças dos seus algozes e despojado de tudo: da honra, das vestes, de seu sangue e até de sua vida, era tão pequeno quanto qualquer injustiçado pela impiedade dos “grandes”. Naquele momento, extremamente aturdidos, sentiram que o Império Romano era muito mais poderoso, dominador e majestoso do que imaginavam, porque até o seu magnífico Mestre, antes, invencível, mostrava-se impotente contra o seu domínio, e que os saduceus, os fariseus e os príncipes dos sacerdotes, finalmente, o haviam vencido, porque ali, acorrentado, com partes do corpo em carne viva pela agressão dos chicotes, e com o semblante lívido pela dor, nem forças tinha para reagir! Aquele Jesus, antes, vencedor, que se dizia Filho do Pai, estava sendo incompreensivelmente derrotado com desonra!

Seu Mestre, de extremo carisma e magnetismo, pelo qual haviam abandonado tudo — porque havia legitimado a sua Mensagem Nova com impressionantes prodígios —, que andara sobre as águas como se fosse terra firme, que interferira na natureza como se fosse o criador dela, que ressuscitara mortos, e um deles até em estado de decomposição; que mostrara, por um minuto, um pouco do esplendor do céu ao fazer-se resplandecer de brancura intensamente iluminada perante seus discípulos, mas, ali, incompreensivelmente, demonstrava completa impotência. Se não conseguia salvar nem a si mesmo da extrema humilhação e da morte inglória determinada pela força física, não poderia, então, resgatar Israel da opressão invasora!

Naquela confusão mental que envolvia aqueles homens rústicos, chegaram até a duvidar que ele fosse, realmente, o Messias da aliança de Deus e, por isso, até o renegaram por medo da força física dos homens do mundo! Sem entenderem, sem levar em conta as sábias e explícitas referências do Mestre com respeito **a que veio**, sentiram seus sonhos ruírem.

Ainda sem Pentecostes, sentiram desfazerem-se os seus sonhos predominantemente nacionalistas e, então, concluíram, tristemente, que a injustiça continuaria a sobrepor-se à justiça; que os romanos continuariam a escravizá-los em sua própria terra; que a força física continuaria a prevalecer sobre a fraqueza e, por isso, os pobres e os injustiçados continuariam sendo impietosamente massacrados. Desse modo, com medo de que aquela violência extrema que atingiu o seu Mestre também os atingisse, esconderam-se para lamentar os seus receios.

Todavia, como Deus não pode ter duas palavras, a revelação, o entendimento, o discernimento, vieram por meio das línguas de fogo do Paráclito, e por esse radioso porvir, finalmente, adquiriram a sabedoria que emana de Deus e por isso passaram a entender **a que veio Jesus**.

Antes de Jesus, a revelação aos homens só era manifestada pelo Senhor Deus na solidão dos desertos ou no topo das montanhas, antecedido do sacrifício de uma jornada íngreme até o seu ponto mais alto, além de semanas de jejum e de orações. Assim aconteceu com diversos profetas e até com Jesus, mas, agora, por ele, essa revelação, esse avivamento espiritual que concede a verdadeira sabedoria, é gratuitamente legada aos simples de coração que buscam a Deus procurando fazer a sua vontade. Por Jesus, que deixou tudo bem explicado e suficientemente exemplificado, ficou muito fácil chegar a Deus!

Mas o próprio povo de Jesus, o israelita, na maioria, não o aceitou. Os fariseus escandalizaram-se e rejeitaram a possibilidade de aquele nazareno, nascido de uma família de um humilde carpinteiro, um andarilho que só procurava acercar-se de pessoas também humildes e até das renegadas pela sociedade, pudesse ser o Messias tão ansiosamente aguardado e, assim, rejeitaram-no violentamente. Por seu ousado atrevimento ao contestar, por várias vezes, as crenças tradicionais que propagavam ao povo judaico, por diversas ocasiões tentaram matá-lo. De modo algum as aparências indicavam o Jesus andarilho como o Messias que os homens do templo aguardavam e mensagem que propagava agredia seu modo de vida. Para eles, necessariamente investido na qualidade de importantíssimo enviado de Deus, o Messias teria de nascer numa corte de reis, na nobreza, com extenso poder e honrado como tal. Mesmo tendo legitimado a sua Nova Mensagem com obras altamente prodigiosas e, por isso, em perfeita correlação com os oráculos dos profetas do próprio Israel, como Isaías, Jeremias, Davi e outros, ainda assim não o aceitaram.

*“Então, se abrirão os olhos do cego, e se desimpedirão os ouvidos do surdo; então o coxo saltará como um cervo, e a língua do mudo dará gritos de alegria!”*. Predições de Isaías, no capítulo 35.5.

Em Atos dos Apóstolos, 1.6, os apóstolos interpelam a Jesus já ressuscitado, sem ainda compreenderem que, se bem que não parecesse, ali ocorria o maior e o mais importante evento universal de todos os séculos reservados para a Terra.

*“Senhor, é porventura agora que ides restaurar o reino de Israel? Jesus respondeu-lhes: “Não vos pertence saber os tempos nem o momento em que o Pai fixou em seu poder”*.

*“Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi, e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei”*. Atos, 15.16.

***“Não virá o Reino de Deus com visível aparência... porque o Reino de Deus está dentro de voz”***. Lucas, 17.20.

Mas, na verdade, Jesus já havia fundamentado fortemente os alicerces da libertação, não só para Israel, mas também para todos os povos que havia e que hão de vir, pelo evento de seu Grande Sacrifício, conforme as suas palavras em Mateus 29.30. O Mestre já havia explicado essa sublime graça aos seus amigos, mas esses, naquele momento não compreenderam, porque, ali, ainda não haviam recebido o avivamento pelo Santo Espírito de Deus:

*“Então aparecerá no céu o sinal do Filho de homem. Todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens cercado de glória e majestade...”*.

Jesus voltará, como prometeu, todavia não voltará na humildade, mas, sim, na glória, do modo como os judeus o esperavam. Voltará consagrado pelo Senhor Deus como Rei e Juiz Universal, pois, conforme a Bíblia, o Universo inteiro foi criado para ele. Conforme o livro de Apocalipse — repetindo Mateus —, 25.31, virá como um grande Rei revestido de inimaginável glória e majestade, acompanhado de legiões de anjos celestes, separará os seus escolhidos à sua direita e punirá eternamente os que não creram, pois todas as oportunidades lhes foram gratuitamente propiciadas para que se arrependessem, a tempo, das suas preferências mundanas.

No entanto, se Cristo tivesse vindo nas condições sonhadas pelos judeus, reafirmaria, ainda mais, o conceito existente da consagração da força e do poder. Perpetuaria a tradição vigente na época pela

qual só os fortes e os abastados eram os protegidos de Deus, e que os fracos eram a escória da humanidade e, assim, ele veio e viveu como o verdadeiro mensageiro da humildade. Se tivesse vindo de modo triunfal como era aguardado, ditaria leis proclamadas na condição de rei político mais poderoso de todos os tempos sobre a Terra, todavia, exatamente ao contrário, pregou e convenceu o mundo com leis outorgadas, de forma pacífica, serena, mas solidamente, como o Rei Espiritual do Universo. E, assim, veio a responder a Pôncio Pilatos: *“Meu reino não é deste mundo”*. Na verdade quis explicar:

*“Tudo isto aqui que você vê é pó que o vento vai levar. O império de sua Roma é breve, frágil e passageiro. O verdadeiro reino você não pode ver, mas é único e sem fim, e minha missão aqui é para que todos tenham vida imortal no reino de meu Pai”*.

Jesus não veio como poder político, contudo, foi morto como um político perigoso “que poderia levar a classe subjugada a um indesejável levante contra os poderes constituídos”. Por isso, foi condenado mortalmente em dois processos: um movido pelo poder romano, e outro, antes, tramado nos bastidores do templo, e levado a cabo pelas autoridades judaicas, por seu próprio povo.

Seria fácil a Jesus impor-se do modo como os judeus o esperavam, pois ele é o Filho de Deus, e com todo o poder sobre tudo e sobre todas as coisas, porém, que frutos obteria pela força? Expulsaria os exércitos romanos da Judéia, faria Israel voltar aos tempos de glória e de respeito maiores ainda de que nos reinados de Davi e Salomão, mas, e depois? Ditaria leis por imposição como um grande e invencível déspota; jamais seria esquecido pela história, no entanto, se assim houvesse ocorrido, as gerações seguintes só se lembrariam dele como um rei muito poderoso que havia vencido enquanto viveu, impondo-se por sua extraordinária força, cujo fato se caracterizaria numa forte interferência do Criador no curso natural da história. Tal possibilidade estaria completamente em desacordo com os desígnios do Criador desde Noé, quando proclamou após o dilúvio:

*“Quando virdes um arco no céu (o arco-íris) lembrai-vos da aliança que fiz convosco, e por ela não ferirei mais a terra e todos os seres vivos, como o fiz... (o Dilúvio, o fogo em Sodoma...)”*. Promessas do Senhor Deus, extraído de Gênesis, 9.14.

Se Jesus tivesse interferido na Terra, fisicamente, em favor de Israel, estaria a aprovar a violência, que ele próprio veio combater, como presumível solução para se resolverem os problemas do mundo. A tendência do homem para a violência já havia começado, bem antes, na primeira família, com Caim, e Jesus nos mostrou que não é esse o caminho da libertação. E, assim, já estava profetizado pela palavra em Isaías 42:

*“Eis o meu servo a quem amparo.  
Meu eleito ao qual dou toda a minha afeição,  
Faço repousar sobre ele meu espírito,  
Para anunciar às nações a verdadeira religião,  
Ele não gritará, nunca elevará a voz, não clamará nas ruas,  
Não quebrará o caniço rachado.  
Não extinguirá a mecha que ainda fumega.  
Anunciará com toda a franqueza a verdadeira religião;  
Não desanimará, nem desfalecerá, até que tenha estabelecido  
A verdadeira religião sobre a terra”*.

Este é o oráculo representativo da humildade de Jesus, da mansidão, da doçura, da não violência, mas, sim, da esperança e da paz. Diferente do que Judá o esperava, veio numa humilde família, numa estrebaria que cheirava a fezes de animais e numa ocasião imprópria para a sua mãe — pois nasceu fora do lar, durante uma jornada. Esse sublime acontecimento, o maior de todos os séculos, poderia ter passado despercebido não fossem os anjos conclamarem humildes pastores a adorá-lo, para que, de algum modo, mesmo que simbolicamente, se complementasse aqui na Terra uma grande festa que acontecia entre os anjos, no céu!

Cristo foi um perseguido. Inicialmente foi perseguido por Herodes, seu rei, por isso, ainda bebê teve de ser levado da Judéia para o Egito. Viveu sob muitas dificuldades para dar-nos um verdadeiro exemplo de como cada um deve proceder para merecer as graças do Senhor Deus, que é o que

mais importa em relação à eternidade e, por isso, em nome da completa coerência, ele próprio viveu a estrada estreita que pregou. A sua vida foi marcada pela humildade e desapego das ambições temporais. Na verdade, ele foi o retrato vivo da humildade. Ele era a doçura em pessoa (e é), chorava e sofria condoído pela dor do próximo. Não tinha casa e nunca se fixava em um só lugar, permitindo, assim, que um maior número de necessitados e os que não podiam ir até ele o conhecessem e se inteirassem da sua Nova Mensagem e da poderosa herança que ele formava. Sua pregação maior foi a do amor ao Senhor sobre tudo e sobre todas as coisas e do amor verdadeiro ao próximo, a todo e a qualquer próximo, sem distinção, mesmo que venha a se tratar de um considerado inimigo. E no amor ao próximo estão incluídos o perdão, a tolerância, a condescendência, o respeito, o direito, a igualdade, o amparo, a fraternidade, a verdadeira caridade e a caridade de doação — não só de bens materiais — a todos os semelhantes, pois essa é a verdadeira religião, citada pela palavra em Isaías 42, e em Mateus, 25.35.

*“As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça”.* A humildade e o desprendimento de Jesus, em Mateus, 8.20.

Por tudo isso, o Ungido de Deus veio, também, para contestar os conceitos da lei de talião, a legalização da violência contida nas leis provisórias de Moisés, nas quais se incluía até o apedrejamento em praças públicas. Esses preceitos da tradição mosaica que faziam parte da lei religiosa dos fariseus podem ser interpretados assim:

*“Amai vossos amigos e odiai vossos inimigos. O perdão não, mas a vingança!”*, mas a mesma Lei, conforme Levítico 19.18, também ensinava: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.*

Contudo, Jesus não só ratificou Levítico, como também estendeu a sua abrangência, lembrando que ele veio como o Verbo de Deus. Jesus é a palavra do Senhor. Sendo o Verbo, ele dirigiu-se, dessa forma, à multidão, durante o Sermão da Montanha, em Mateus 5.43:

*“Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem. Deste modo, sereis os filhos de vosso Pai nos céus, pois ele faz nascer o sol e chover tanto sobre os justos e os injustos. Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis?”.*

Apesar de que Cristo criticou e repreendeu, com veemência, os fariseus do templo, aqueles que não viviam a religião que propagavam, e até usou de certa violência com aqueles que faziam do templo um lugar propício para comerciar, como fortísimos argumentos de conversão, além de suas palavras sempre acompanhadas de ações prodigiosas, **viveu coerentemente os preceitos que veio instituir**. Como exemplo de vida, uma das principais características de sua peregrinação terrestre foi a de viver intensamente a virtude da humildade. Não só ensinou a humildade e a simplicidade, mas foi o maior exemplo disso.

Quando Jesus ensinava, suas dissertações calavam fundo e tinham o efeito de um bálsamo nos corações doloridos, entretanto, por outro lado, provocavam ódio nos ímpios dominadores das massas, pois viam nele uma séria ameaça ao predomínio e aos privilégios do poder. E, conforme Mateus 26.53, Cristo jamais invocou qualquer legião de anjos para ajudá-lo, porém, ele tinha autoridade! Tinha mais autoridade e poder que todos os poderes do mundo, juntos, no entanto, usando de extrema coerência com seus ensinamentos, não utilizou esses privilégios celestes para demonstrações de força nem exibicionismos.

Cristo falava por Deus, mas apesar de deter poder total sobre todo o Universo, só realizou prodígios estritamente necessários para a instituição dos preceitos do Espírito Santo!

*“Toda autoridade me foi dada no céu e na terra!”.*  
Revelações de Jesus, em Mateus, 28.18.

*“Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo assemelhando-se aos homens”.* Filipenses, 2.5

Mas, como exemplo, fez da humildade e da simplicidade a sua doutrina. Ajoelhou-se para lavar os pés de seus humildes pescadores; acercou-se dos pobres, dos aflitos, dos desajustados, dos excluídos, dos confinados leprosos e atendeu docemente a qualquer pecador que o procurou, buscando uma cura, um consolo, ou, simplesmente, a verdade. Entrou em Jerusalém montado num burrico emprestado, quando poderia, se quisesse, fazer-se acompanhar de legiões de anjos escoltando luxuosa e reluzente carruagem, puxada por fogosos cavalos — privilégio máximo da época —, pois, afinal, o Filho ingressava, triunfalmente, na cidade preferida do Pai, para ser aclamado!

*“Deixarei uma tribo ao seu filho, para que meu servo Davi tenha sempre diante de mim uma lâmpada (Jesus) em Jerusalém, cidade que escolhi para estabelecer nela o meu nome”.* Resolução do Senhor (a Salomão), em I Reis, 11.36.

Jesus sabia que estava sendo esperado, e que seria aclamado pelo povo que se comprimia nas ruas de Jerusalém, na época, a cidade de 3.000 anos e, sendo assim, se cumpriria o oráculo do Senhor ao profeta Zacarias:

*“Dizei à filha de Sião: Eis que teu rei vem a ti, cheio de doçura, montado numa jumenta, num jumentinho, filho que leva o jugo (os nossos pecados)”.* Oráculo do Senhor, em Zacarias 9.9.

Os judeus, e alguns estrangeiros que reconheciam nele o Messias de Deus, clamavam alto:

*“Hosana ao filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! E glória no mais alto dos céus!”.*

Alguns fariseus, incomodados com a situação, interpelavam a Jesus:

*“Mestre, repreende os teus discípulos, os teus seguidores!” Mas Jesus respondeu-lhes: “Digo-vos: Se estes se calarem, clamarão as pedras”.*  
A verdade de Jesus, em Lucas, 19.38.

Jesus curou milhares, milhões, pois continua curando até hoje, tanto física como espiritualmente, como já profetizava a palavra em João 1.25:

*“Jesus fez ainda muitas outras coisas (fora as que narramos) Se fossem escritas uma a uma, penso que nem o mundo todo poderia conter os livros que se deveriam escrever”.*

Portanto, os apóstolos profetizavam que Jesus continuaria a produzir frutos até o fim dos tempos e até hoje ele continua e continuará atendendo a qualquer um que o procure, se esse estiver movido por aquela fé que leva à completa certeza de que será realmente atendido, mesmo que isso possa não ocorrer num primeiro momento.

*“Eis que estou à porta e bato: Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo”.* O Amor de Jesus, no Apocalipse, 3.20, numa das mais belas mensagens de comprometimento, dirigidas a você! Por ela, está explícito que Deus só poderá ajudá-lo se você o procurar abrindo seu coração para ele.

Conforme o plano de Deus, por sua humildade e mansidão, Jesus revolucionou os conceitos da religião e de tratamento vigentes na época, que vinham por tradição desde Moisés, e ainda hoje continua a sua obra, pois mesmo após dois mil anos, Jesus é o personagem mais cultuado de todas as épocas. Quando Jesus veio, a humildade era considerada coisa de fracos e, mesmo vindo a corrigir tal conceito, ainda hoje há muitos que pensam assim. Jesus veio como homem e se foi, mas como distribuiu oportunidades iguais para todos, em espírito e em verdade continua presente aqui, vivíssimo, disponível a cada um que deseje recebê-lo. Para acontecer isso basta tomar posse de sua incrível promessa que, conforme a palavra em João 14.12, pode perfeitamente realizar as obras que ele realizou. Para receber a herança de Cristo é imprescindível viver a virtude da fé, porque a verdadeira fé induz à ação. A palavra contida nas Escrituras é para ser vivida e não só para ser recitada e depois guardada, com respeito, na estante.

*“Toda Escritura é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela o homem de Deus torna-se perfeito, capacitado para toda obra”.* A verdade do Senhor Deus, em II Timóteo, 3.16.

*“Jesus, sendo rico, fez-se pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza”.* A humildade de Jesus em II Coríntios, 8.9.

Graça, paz, saúde e muita sabedoria, extensivo aos familiares.

Waldecy A. Simões.  
[netsimoes@terra.com.br](mailto:netsimoes@terra.com.br)

Rua Antonio Martins Costa, 451.  
São Paulo.  
CEP 05584-000  
Fone 11 - 3784.4843

Está perfeitamente permitida a cópia, a reprodução e a publicação de todo o conteúdo desse arquivo, com também é livre a publicação na Internet e a impressão do mesmo. Portanto, o presente arquivo é absolutamente livre para qualquer tipo de propagação desde que não se altere o conteúdo original.

Quanto ao conteúdo original, no site [www.segundoasescrituras.com](http://www.segundoasescrituras.com) existe uma cópia idêntica desse arquivo criada pelo sistema PDF do *Acrobat Reader*, que o torna inviolável, de cuja cópia também está disponível para livre *download* e para qualquer tipo de propagação.

Agradeço, de coração, a todos, e estou completamente aberto a qualquer tipo de correspondência, das quais declaro, solenemente, que responderei a todas.